

A participação social de jovens e a construção de suas identidades

Maurício Perondi

Resumo

O texto reflete sobre os sentidos expressos por jovens acerca de suas experiências de participação social, desenvolvidas em diferentes coletivos. Propõe uma análise compreensiva de narrativas desses jovens, da Região Metropolitana de Porto Alegre-RS, participantes de diferentes coletivos: Instituto Ingá (juventude e movimento ecológico); cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares (juventude e educação popular); Instituto Cultural Afro-Sul/Odomodê (juventude e valorização das diferenças étnico-raciais); e Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens, das Pastorais da Juventude do Brasil (juventude e violência/direitos humanos). A partir de uma metodologia de cunho qualitativo, contou com a participação direta de jovens na produção dos dados empíricos. Os referenciais foram tomados de autores que tematizam as juventudes, as culturas juvenis, a participação social, em especial Carles Feixa, Alberto Melucci, José Machado Pais, Regina Novaes, Marília Pontes Sposito, Paulo Carrano, Helena Abramo, Juarez Dayrell. O texto destaca que a participação dos jovens nos coletivos em que atuam produz sentidos demarcadores em suas trajetórias, contribuindo para a construção de suas identidades e para o seu crescimento pessoal.

Palavras-chave: Juventudes. Participação Social. Construção da Identidade

Introdução

A reflexão realizada neste texto advém de uma pesquisa de doutorado, realizada na área da Educação, que buscou compreender quais são os sentidos produzidos a partir da participação social de jovens em diversos coletivos. O objetivo da mesma não se deteve em examinar as organizações em si mesmas, seus projetos e resultados, nem quantificar as experiências ou verificar o tempo de participação dos integrantes o grupo. O interesse principal foi o de abordar, de modo particular, os elementos que emergem das narrativas dos jovens a respeito de suas experiências de participação social em tais grupos, bem como os sentidos produzidos para suas vidas, a partir dessas experiências.

Partiu-se do pressuposto de que, contrariamente ao que se percebe, em muitos casos, no senso comum e na grande mídia, a preocupação dos jovens com as questões sociais não cessou de acontecer. Autores como Abramo (2004), Melucci (2001), Novaes e Vidal (2005) atestam que aconteceu uma mutação na participação dos jovens. Esta modificou-se

consideravelmente diante das práticas que eram desenvolvidas por jovens em outros períodos históricos, mas continua acontecendo de formas diversas.

O estudo baseou-se numa metodologia qualitativa, concretizada através da proposta de narrativas juvenis, que tem inspiração no conjunto amplo das histórias de vida, do campo da sociologia compreensiva (KAUFMANN, 1996), das teorias microssociológicas e da etnometodologia (LAPASSADE, 1996).

Para a realização da pesquisa foram selecionados quatro coletivos que contam com a participação expressiva de jovens em seu meio. Na área ecológica foi escolhido o Instituto Ingá; na área da educação popular foi escolhido o cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares; na área da valorização das diferenças étnico-raciais, optou-se pelo Instituto Cultural Afro-Sul/Odomodê e na área da violência/direitos humanos decidiu-se pela Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens, das Pastorais da Juventude do Brasil.

Na sequência do texto serão aprofundados dois aspectos principais. No primeiro será discutido como a participação nos coletivos contribui para a construção das identidades individuais dos jovens e que sentidos se produzem em suas trajetórias. No segundo, serão abordados os elementos relativos ao crescimento pessoal que os jovens vivenciam a partir de sua participação nos grupos.

A construção das identidades juvenis a partir da participação social

Um dos temas que emergiu através da pesquisa realizada diz respeito aos processos de identificação, que corresponde ao processo de produção de identidade que os jovens realizam junto aos grupos nos quais participam. Independente dos motivos que os levaram a ingressar em tais grupos, os jovens revelam uma identificação com a caracterização destes coletivos, que passam a produzir sentidos para as suas vidas.

Tal fenômeno pode ser compreendido a partir da perspectiva de que, de modo mais incisivo, a partir do final do século XX e início do século XXI, os indivíduos sentem a necessidade de encontrar respostas a respeito de si mesmos, questionando suas identidades e seu lugar no mundo. Se, nos períodos anteriores, as gerações aceitavam com menos questionamentos as heranças recebidas e significados construídos por outrem, as gerações das últimas décadas buscam construir os próprios significados, pois:

Em períodos precedentes o homem vivia numa atmosfera de crenças em que nada o levava a se auto-avaliar. Vivia sem preocupar-se em saber como vivia. Aceitava a fê, o conhecimento e a ação assim como aceitamos a própria vida. O homem de épocas anteriores vivia fora do tempo, sem necessidade de refletir sobre as condições de sua existência. Para nós, a inteligibilidade tornou-se essencial. Procuramos dar nome não só ao conhecido, mas também ao desconhecido. (MANNHEIM, 2008, p. 69).

O autor refere à necessidade humana de refletir sobre as condições de sua existência, nominando tanto os aspectos conhecidos, tanto como os desconhecidos. Neste processo reflexivo é que acontece a produção de sua identidade.

Os jovens participantes da pesquisa, ao narrarem suas experiências realizam processos de identificação em diferentes âmbitos, produzindo sentidos para as suas vidas. Um dos aspectos associados a este tema é a produção de identidade associada à vivência cultural, indicada no fragmento que segue:

Eu já conhecia o trabalho [do grupo Afro Sul-Odomodê], tinha alguma experiência visual de ter visto, de ter acompanhado um pouco do trabalho e pela questão de que eu gostava muito da dança, me identificava com a questão da cultura negra. Não tinha nada de conhecimento e achei uma porta importante para me aproximar e aprender um pouco mais da cultura. Eu sempre me identifiquei com a dança, desde pequena eu sempre gostei de dançar, sempre tive essa proximidade, essa ligação com a música, com o canto. A minha família é muito musical, por mais que ninguém seja artista, todos têm na veia muito isso; minha mãe principalmente tinha muito isso. (Letícia, Grupo Afro Sul-Odomodê).

O relato da jovem Letícia demonstra uma identificação com o seu contexto familiar e cultural, que é acrescida de sentido a partir de sua participação no grupo. Destaca a sua forte ligação com a música, com a dança e com o canto, pois sua família era “muito musical” e este fator contribuiu para tal processo.

A sua identificação com o grupo e com a sua etnia demonstra que este coletivo lhe acolhe e produz sentido para sua participação. No entanto, esta é uma situação que não é vivenciada pela maior parte dos jovens negros brasileiros. De acordo com os dados do Projeto Juventude¹, estes, encontram maiores dificuldades sociais que os jovens brancos, na mesma

¹ O Projeto Juventude foi desenvolvido pelo Instituto da Cidadania, entre 2003 e 2004, com o objetivo de projetar o tema juventude na agenda política do país. O projeto procurou situar a questão em um patamar profundo de discussão, explorando os distintos cenários e refletindo sobre as alternativas propostas. Entre as ações do projeto está a pesquisa intitulada “Perfil da juventude brasileira”, que constituiu num amplo levantamento quantitativo de dados sobre os jovens de 15 a 24 anos do país. Os dados e análises da pesquisa foram divulgados em duas obras: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005 e NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo. (Orgs.). *Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004. Também é possível encontrar mais informações através do site: www.projetojuventude.org.br

fase da vida, pois convivem diariamente com situações de discriminação, principalmente no mundo do trabalho e da educação (SANTOS; SANTOS; BORGES, 2005, p. 296).

Outro tema ressaltado na pesquisa foi a identificação política². O fragmento do relato de um dos participantes demonstra como ela se desenvolve:

O Zumbi atendeu as minhas expectativas. Uma das coisas que eu levei em conta para procurar o Zumbi é porque eu queria uma experiência que fosse mais politizada, tivesse um sentido político (...). Eu, pessoalmente, estava interessado tanto em dar aula de Física, que é a minha área, tava interessado em participar de algum movimento social, se é que esse aqui pode ser considerado um movimento social, ter algum tipo de atuação política, e principalmente, tava interessado em juntar essas duas esferas da minha vida, juntar a minha formação em Física e estar participando de algum movimento social. (Nicolas, Cursinho Zumbi dos Palmares).

O jovem Nicolas relata que procurou o Zumbi para dar aulas por dois motivos: o interesse em dar aulas de física, que é a sua formação, e o desejo de atuar em um movimento social politizado. Aponta para uma consciência anterior à própria participação no grupo, pelo sentido “politizado” que ele imaginava ter.

Sua experiência também realça um tópico importante aqui discutido que é a participação social dos jovens, constituindo-se num exemplo do que já foi abordado no primeiro capítulo, em que diversas pesquisas apontam para a atuação de muitos jovens em diversos espaços sociais. Interessante também perceber que, por mais que o jovem tenha dúvida se o cursinho é um movimento social, ele caracteriza-o como um espaço de “atuação política”.

Outro aspecto proeminente na questão da identificação é aquele relativo à condição social, em que os jovens participantes do Cursinho Zumbi se encontram. Apontam para os desafios enfrentados para ingressar no Ensino Superior, gerados por sua condição social desfavorecida, que limita uma melhor preparação para os processos seletivos. Tal condição gera no grupo um espírito coletivo mobilizador, que é referido pelos jovens participantes da pesquisa. Relatam uma sintonia, em virtude de sua condição social, em que cada um busca ajudar os demais a superar seus limites e fomentar o ingresso na universidade.

O fragmento a seguir descreve esta sintonia:

Eu vi uma matéria num jornal sobre os pré-vestibulares populares e dentre eles tinha o Zumbi e um pouco da sua experiência. Tinha também sobre a inscrição; tava com as inscrições abertas. Aí eu me interessei porque eu tava procurando um pré-vestibular. Minha mãe também me incentivou bastante “Vai porque a gente não tem

² Expressão utilizada pelo jovem Nicolas, do Cursinho Zumbi dos Palmares.

dinheiro para pagar um curso pago, vai”. Devido a essa minha experiência eu vi como é difícil, assim, tu ingressar no ensino superior, tu vir de movimentos populares, como é mais árduo o trabalho. Então eu resolvi ajudar o pessoal, porque as mesmas dificuldades que eu passei, todos iam passar, então eu, com a minha experiência até aquele momento, eu poderia dar alguma ajuda para o pessoal. (Igor, Cursinho Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares).

Igor relata seu percurso, desde antes de entrar no cursinho, onde, sem dinheiro para pagar um curso privado, incentivado pela mãe, encontra no Zumbi uma alternativa de preparação para o vestibular. Ele tem consciência de que não é um caso isolado, pois sabe que a dificuldade é a mesma para outros jovens oriundos das classes populares. A experiência foi significativa ao ponto de, após ingressar na universidade, ainda durante seu curso de graduação, resolver retornar ao cursinho para contribuir com outros jovens que buscam uma alternativa semelhante à sua.

A experiência deste jovem, e dos demais estudantes do cursinho, inscreve-se num cenário mais amplo, em que milhões de jovens brasileiros se ressentem da falta de oportunidades, devido ao modelo social vigente. Tal situação pode ser compreendida, a partir da observação que:

Na sociedade do capitalismo global, observa-se um recrudescimento de tendência totalitária em razão do avanço das forças produtivas e das relações de produção que acirram a contradição do desenvolvimento tecnológico atrelado à reprodução da miséria e das desigualdades sociais [...] Reproduz-se a sociedade competitiva na qual não há lugar para todos. Para os jovens da periferia, crescer é uma empreitada que ele deve enfrentar sozinho, um salto no escuro, geralmente sem a ajuda da sociedade. (ABRAMOVAY; FEFFERMANN, 2007, p. 46 e 54).

A universidade pode ser referida com um dos espaços sociais onde não há lugar para todos, conforme apontam as autoras. Os jovens de condição econômica precária são os que mais sofrem as consequências deste sistema, pois não encontram estruturas sociais que lhes ajudem a superar tais obstáculos. Neste contexto de competição, de falta de apoio e de “um salto no escuro”, onde cada jovem é impelido a buscar soluções sozinho, percebe-se no cursinho um grande empenho dos jovens para ajudar a outros colegas que enfrentam a mesma condição que a sua, numa tentativa de superação dos limites que a sociedade do capitalismo global lhes impõe.

Outra dimensão referida pelos jovens é a identificação afetiva. Os excertos abaixo expressam como a mesma se constitui no âmbito dos coletivos:

Eu me encantei com o tipo de relacionamento que eles tinham entre eles e que demonstravam o tanto de respeito e confiança, inclusive nas outras pessoas, que

tavam chegando ali pra participar e que nunca tinham se visto né. Então foi o grupo mesmo, as pessoas, que me encantaram, assim. (Érica, Instituto InGá).

Tava meio difícil me encontrar no espaço eclesial, aí eu conheci o grupo de jovens de uma comunidade que me acolheu e é a comunidade que eu to até hoje. O grupo de jovens foi para mim este espaço de acolhimento, foi casa, foi carinho, foi cuidado. O grupo fez este papel de me incluir neste espaço da comunidade, de conhecer os trabalhos, de conhecer a realidade social, a realidade eclesial ali da área onde eu tava. Eu fiz aquilo que tanto se fala nos documentos, o processo de educação na fé, gradual. (Giovani, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens).

No primeiro excerto, Érica frisa que aspecto afetivo, através de elementos como a confiança e o respeito no modo de se relacionar, lhe encantaram e tais aspectos passaram a fazer sentido para que ela se identificasse com o grupo. Melucci (2004) sugere que o desejo de identificar-se com o outro revela uma necessidade intrínseca de socialização que perpassa a vida de todos os indivíduos. Em suas palavras

Para poder reconhecer as nossas necessidades como indivíduos precisamos estar integrados às redes comunicativas que lhes dão origem. O grupo torna-se a regra obrigatória em que precisamos nos inserir para saber quem somos. (MELUCCI, 2004, p. 41).

A ênfase do autor ao fato de que o grupo contribui para responder ao questionamento de “quem somos” coaduna com a perspectiva da identificação da jovem com o coletivo do qual faz parte, o InGá, contribuindo para o seu encantamento com tal proposta. Pode-se ainda inferir que tal identificação confere sentido à sua participação neste espaço, pelas relações que ela afirma ter estabelecido no grupo e pelo encantamento que teve pelos demais participantes.

Na contemporaneidade são inúmeros os grupos e espaços sociais em que os jovens podem participar, seja de forma passageira, ou mesmo de longa duração. No entanto, há certos grupos que se tornam uma referência para as suas vidas, pois apresentam determinadas características com as quais os jovens se identificam, conforme sugere uma das participantes:

No InGá, com certeza foi o momento em que eu realmente integrei todas estas questões ecológicas que hoje em dia o InGá trabalha e outras entidades trabalham. Com certeza se não fosse o InGá, provavelmente eu também não estaria em outra entidade ambientalista porque eu vejo que o InGá é bem a minha cara. Existem outras, não desmerecendo nenhuma delas, mas cada uma tem as suas características, então não sei se eu teria me envolvido com outra entidade ambientalista. (Paloma, Instituto InGá).

A jovem destaca que encontrou no InGá características que correspondem ao seu anseio de participação na causa ambientalista. Ao enfatizar que o grupo é a “sua cara” ela confere um sentido especial para este coletivo em suas opções, frisando, que talvez não participaria de outro grupo, mesmo que este também tivesse um cunho ambientalista que é a sua área de atuação. Fica implícita a ideia de que não é apenas a “temática” (no caso aqui, a ecológica) que outorga sentido para a participação. São necessários outros elementos que criem a identificação entre os participantes e que possibilitem a coesão grupal. Ao referir sobre redes grupais e identidades juvenis, Pais (2003), a partir de pesquisa sobre culturas juvenis e modalidades de passagem para a vida adulta, destaca:

A coesão interna dos grupos estabiliza-se a partir de traços de identificação conjuntamente compartilhados; no entanto, esses traços funcionam também como suporte de formação e reconhecimento de identidades grupais entre si diferenciadas. (p. 119)

O apontamento do autor enfatiza que as características compartilhadas pelos integrantes do grupo fortalecem a sua coesão interna e possibilitam a diferenciação deste, frente a outras identidades grupais. No relato de Érica torna esta identificação é mencionada quando afirma que não sabe se teria se envolvido em outro coletivo, dada a coesão estabelecida com o seu atual grupo.

Os processos de crescimento pessoal realizados nos coletivos

Quem experimenta a mudança de suas próprias circunstâncias não se percebe em termos fixos e definitivos. Sua visão nunca se torna compacta, por desprender-se de qualquer esquema antes de cristalizar em torno de uma imagem nítida do mundo. A autosuficiência inabalável também já não pode mais ser um ideal. Bastar-se a si próprio é o ideal de uma sociedade firmemente arraigada ao passo que o tipo representativo de nossa era tem as características de Proteu, sempre a transcender e reconstruir a si próprio, impulsionado pelas forças da renovação e da reforma. (MANNHEIM, 2008, p. 69-70).

De acordo com Mannheim, uma das principais características dos sujeitos contemporâneos (segunda metade do século XX) pode ser associada ao mito de Proteu e sua capacidade constante de metamorfose diante das necessidades que lhe aparecem. Tal situação é referida pelos jovens participantes da pesquisa, ao destacarem que a experiência nos grupos oportuniza mudanças significativas em suas vidas, contribuindo para o crescimento pessoal.

Um dos jovens participantes da pesquisa arrola diversas mudanças que aconteceram a partir do seu envolvimento com o coletivo do qual é integrante:

Acho que a partir do momento que a gente faz uma escolha pastoral, os nossos hábitos mudam, nossa forma de pensar, de refletir, de agir e em consequência disso, nós também mudamos né. Às vezes a gente não consegue perceber essas mudanças, mas aqueles que estão em contato direto conosco podem perceber. Acredito que foi uma mudança muito positiva que aconteceu comigo. (Ulisses, Campanha contra a Violência e o Exterminio de Jovens).

Em sua narrativa o jovem aponta para alguns aspectos concretos de sua vida, que foram modificados a partir de sua inserção no grupo, principalmente quanto às atitudes, entre as quais, destaca a forma de pensar, de refletir e de agir. Ulisses sugere que tais aspectos geraram uma mudança pessoal, que, inicialmente, não foi percebida por ele, mas, posteriormente foi reconhecida pelas demais pessoas com as quais tem contato. Finaliza acrescentando que considera positiva a mudança que aconteceu consigo a partir de sua participação no grupo. Tais percepções acontecem, pois “os narradores comunicam como eles veem a si mesmos e como eles são vistos pelos outros” (ERRANTE, 2000, p. 142).

O relato aponta para a dimensão positiva que o grupo tem para o sujeito jovem, visto que ele mesmo, com ajuda de pessoas de sua relação, consegue perceber as mudanças pessoais operadas nas relações grupais e o sentido que este coletivo passou a ter em sua trajetória.

Os relatos dos jovens acerca de como a sua participação nos coletivos contribui para a modificação de si e do seu crescimento pessoal denota que os sujeitos contemporâneos se deparam de um modo mais incisivo com a necessidade de construir a própria vida, a partir das relações que estabelecem, conforme nos sugere Melucci:

Habitamos um planeta que se transformou em uma sociedade global. O ritmo acelerado da mudança, a multiplicidade de papéis que desempenhamos, o excesso de possibilidades e de mensagens ampliam nossa experiência cognitiva e afetiva, numa medida sem paralelo com qualquer cultura precedente da humanidade. Faltam os pontos de referência que permitiam aos indivíduos e aos grupos, no passado, construir a continuidade de suas existências. Cada vez mais remota torna-se a possibilidade de responder com segurança à pergunta “quem sou eu?”. A busca de uma morada para o eu transforma-se numa vivência obrigatória, e o indivíduo deve construir e reconstruir a própria casa diante das prementes mutações dos eventos e das relações. (2004, p. 15).

A afirmação do autor enfatiza o ritmo acelerado das mudanças no momento presente, bem como os diferentes papéis e possibilidades a que os indivíduos contemporâneos estão

submetidos. Diante de tal complexidade, torna-se difícil responder a interrogante “Quem sou eu?”. Realça que o desafio é a construção constante de si mesmo, a partir dos acontecimentos e das relações estabelecidas. A reflexão de Melucci (2004) permite perceber que as modificações de si que os jovens apontam em seus relatos podem ser contextualizadas nesta dinâmica social mais ampla, caracterizada pelas mudanças e pelos desafios aos indivíduos na (re)construção de si mesmos.

Outro aspecto relacionado ao crescimento pessoal, muito próximo aos das modificações de si, é o da conscientização/noção de mundo. Em torno deste tema os jovens expressam que os coletivos foram significativos em suas trajetórias, pois contribuíram para a sua formação, oportunizaram possibilidades de adquirir uma consciência crítica com relação aos diferentes aspectos da vida, ou como eles mesmos expressam, dando-lhes uma “noção de mundo”.

O relato da jovem Bibiana expressa essa ideia:

Se eu não participasse do Zumbi, acho que eu seria uma pessoa muito mais limitada, em vários sentidos... porque o Zumbi me deu uma noção de mundo. Então eu acho que eu seria uma pessoa bitolada. É complicado dizer que, talvez os outros que não participam sejam bitolados (risos), mas no meu caso, é difícil comparar, pois entrei no Zumbi com 17 anos, de repente é uma questão de idade também, tu é muito novinha, não tem nada, mas é exatamente esta questão de noção de mundo, de fazer alguma coisa. (Bibiana, Cursinho Zumbi dos Palmares).

A partir de sua experiência no grupo, a jovem relata que iniciou a participar ainda muito nova, com 17 anos, e naquele momento sentia-se “bitolada” pela inexperiência, pois afirma que “não tinha nada”. Com a trajetória realizada, enfatiza que o grupo lhe deu uma noção de mundo, que ela destaca no início de sua fala e reafirma no final.

Em seu relato percebe-se o significado que o coletivo teve para o desenvolvimento de sua consciência crítica, que é expresso através da ideia de noção de mundo, própria do léxico coletivo do Cursinho.

Este processo parece ser decisivo no momento da adolescência, quando os jovens iniciam a sua participação em tais coletivos. Esta perspectiva de conscientização ganha forma no relato de outros jovens participantes dos grupos da pastoral, tal como relata o jovem Marlon:

Quando eu comecei a participar da campanha *foi meio que um abrir os olhos* para a realidade que estava em volta e que a gente acaba não percebendo as várias realidades de extermínio da juventude. Isso acaba contribuindo no nosso ser

cidadão. A partir deste abrir os olhos que vai acontecendo com a gente, são pequenas atitudes que a gente vai mudando, mesmo nos posicionamentos. Eu já percebi que vários posicionamentos meus mudaram e a partir, também, desta formação que a gente vai tendo e percebendo na realidade, a gente vai se posicionando para que estas realidades que a gente vive mudem. (Marlon, Campanha contra a Violência e o Extermínio de Jovens). [*grifo do autor*].

Marlon utiliza a metáfora do “abrir os olhos” para destacar sua experiência na pastoral, de modo especial, na Campanha, que lhe possibilitou maior consciência a respeito das várias realidades de extermínio dos jovens. Também destaca que esta consciência possibilitou a mudança de pequenas atitudes e posicionamentos que contribuem para o seu ser cidadão.

A narrativa do jovem afirma que sua participação neste coletivo foi significativa para a experiência pessoal. Também pode-se relacionar tal relato à problematização central deste estudo a respeito da participação social dos jovens nos coletivos dos quais fazem parte, pois quando um jovem menciona que sua experiência contribui para o seu “ser cidadão”, pode-se inferir que a mesma tem um sentido demarcador para sua vida.

Ainda quanto ao tema da conscientização, a experiência da jovem Paloma apresenta-se como emblemática:

Com certeza a minha vida seria diferente se eu não participasse do InGá, porque, agora, eu tenho uma consciência muito mais ampla. Eu também poderia ter esta consciência por outros motivos, mas com certeza o InGá mudou muito minha concepção de mundo, de possibilidades, de pensar o futuro, ter outros objetivos, como é o caso de ter a minha terrinha. (Paloma, Instituto InGá).

Neste relato a jovem anuncia literalmente que a participação no InGá lhe possibilitou aquilo que ela chama de uma consciência mais ampla, que é caracterizada por mudanças em sua concepção de mundo, nas suas possibilidades, no seu modo de pensar no futuro e nos seus objetivos concretos, como a questão de ter uma terra própria. A jovem Paloma afirma que a participação no grupo ambientalista levou a uma concepção diferente em relação à consciência ambiental, ao modo de consumo, a ponto de que traçasse outros objetivos para sua vida, como é o caso de ter sua própria terra, onde poderá fazer o cultivo de alimentos sem agrotóxicos e de PANCS (Plantas Alimentícias Não-Convencionais).

O projeto da jovem de possuir uma propriedade na zona rural contrapõe-se a duas ideias correntes que apontam uma direção contrária aos fenômenos relacionados aos âmbitos rural e urbano. A primeira é a de que as propriedades rurais que estão cada vez mais próximas às cidades são mais desvalorizadas, tanto pelas referências estigmatizadoras sobre a população destes meios, quanto pela exclusão do acesso aos serviços públicos e privados

básicos (CASTRO, 2007). A segunda é a do crescente número de jovens que abandonam as zonas rurais para buscarem novas oportunidades nos centros urbanos. Em relação à primeira, a jovem Paloma se contrapõe à estigmatização com a valorização do espaço rural como possibilidade de novas formas de produção; em relação à segunda, ela vai no contrafluxo da migração do campo para a cidade, visto que ela deseja sair da área urbana para habitar a área rural. Há que se considerar que os motivos migratórios são significativamente diferentes, uma vez que o fluxo da zona rural para a cidade, geralmente, está vinculado a uma realidade econômica precária, ao passo que o movimento inverso, de modo geral, refere-se a uma busca de maior qualidade de vida ou da realização de um *hobby*.

Ainda na esfera do crescimento pessoal, os aprendizados realizados nos coletivos e como seus desdobramentos conferem sentidos para a participação dos jovens nestes espaços. O relato que segue é emblemático para compreender esta dinâmica:

Acho que tudo é muito marcante na minha trajetória do grupo! Então é muito difícil dizer um momento marcante só. Quando iniciei, eu não sabia dançar nada, não tinha ritmo, não tinha nada. De repente eu me esforcei, eu tava sempre lá atrás, porque a gente sempre teve essa coisa de inclusão, não interessa se não sabe, fica lá aprendendo, nós não vamos deixar de participar, de se apresentar. Então pra não atrapalhar as outras fica um pouquinho mais ali no cantinho, mas tá lá, tá no espetáculo, tá no palco. (Tânia, Grupo Afro Sul/Odomodê).

Sua experiência expressa a dinâmica de aprendizado que acontece no grupo Afro Sul/Odomodê. Inicia afirmando que não sabia dançar nada e não tinha ritmo quando chegou no grupo; mesmo assim não foi impedida de participar. Foi colocada numa posição de retaguarda onde poderia participar sem atrapalhar as demais integrantes. A partir da oportunidade recebida, passou a esforçar-se para aprender as coreografias e poder apresentar-se com o grupo. Destaca que este processo foi possível, pois no grupo é adotada uma postura, que ela caracteriza como inclusiva, que procura valorizar os participantes, independente do seu nível de conhecimento.

Em seu relato, a ideia de aprendizado é expressa como aquele procedimento que acontece de modo gradativo e de acordo com o ritmo dos participantes. Ressalta ainda que não há uma divisão rígida com relação às idades, visto que os participantes novatos são integrados ao grupo e aprendem de acordo com suas possibilidades, como é o caso acontecido em seu percurso.

A narrativa de outra jovem também aponta para o processo de aprendizado realizado no seu grupo:

Se eu não tivesse entrado no InGá com certeza, muitas coisas não teriam acontecido na minha vida. Pra dizer a verdade, antes de participar do InGá, eu sabia que existia, mas não tinha nem ido na Ferinha Agroecológica. Sabia que era uma feira e tal. Eu tinha um conhecimento mínimo; mínimo não, básico, super básico, com relação à essas coisas que a gente trabalha: hidrelétricas, agrotóxicos..., essas coisas todas eu tinha uma noção um pouco melhor do que a massa da sociedade, mas não era tanto. (Paloma, Instituto InGá).

Os aprendizados referidos pelos dois jovens extrapolam a esfera de conhecimentos tradicionalmente atribuídos aos espaços escolarizados ou de currículos rígidos de grupos formativos, pois os modos de trabalhá-los, a apropriação e a significação dos mesmos são diferentes. Visto que os jovens atribuem grande sentido para estes aprendizados, cabe aprofundar as características dos mesmos.

Ao investigar como acontecem os aprendizados e a apropriação dos saberes, Bernard Charlot cunhou o conceito de “relação com o saber”. Para o autor,

A relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro, e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender; (...) Ou, sob uma forma mais “intuitiva”: relação com o saber é o conjunto das relações que um sujeito mantém com um objeto, um “conteúdo de pensamento”, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc., ligados de uma certa maneira com o aprender e o saber; e, por isso mesmo, é também relação com a linguagem, relação com o tempo, relação com a ação no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo enquanto mais ou menos capaz de aprender tal coisa, em tal situação. (CHARLOT, 2000, p. 80-81).

Tal concepção supõe a existência de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender e com a presença de diversos saberes que há no mundo. A noção de sujeito implica a percepção de que este se constitui como um “ser singular, exemplar único da espécie humana, que tem uma história, interpreta o mundo, dá um sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história, à sua singularidade” (Charlot, 2000).

Neste caso, a singularidade não supõe que o sujeito vive isolado. Charlot concorda com Bourdieu de que o sujeito ocupa efetivamente uma posição no espaço social, embora considere insuficiente a sua constatação. Mesmo que todo sujeito pertença a um grupo, ele não se reduz a esse vínculo e ao que pode ser pensado a partir da posição desse grupo em um espaço social. Ele interpreta essa posição, dá um sentido ao mundo, atua neste, depara-se nele com a necessidade de aprender e com formas variadas de saber. Consequentemente, a relação com o saber será fruto desses múltiplos processos (PERONDI, 2008).

As considerações de Charlot contribuem para pensar que os aprendizados que os jovens desenvolvem nos coletivos em que participam implicam em vários fatores e relações, que extrapolam os conteúdos e modos de transmissão abordados em espaços educativos formais, conforme foi possível perceber nos relatos dos participantes.

Considerações Finais

Os relatos dos jovens apontam que a participação nos coletivos contribui para a afirmação das identidades dos jovens a partir de diferentes dimensões: cultural, espiritual, política, condição social, afetiva, grupal e condição social. Ainda que suas afirmações sejam construções realizadas no presente, lançam o olhar para os itinerários vivenciados nos grupos, ressaltando aspectos que foram importantes na produção de suas identidades.

É possível perceber como as experiências dos jovens nos coletivos onde participam contribuem como demarcadores de seus itinerários pessoais. De maneira particular destacam que os grupos lhes ajudam a crescer pessoalmente em situações em que ocorrem mudanças de si ao longo do processo, em que há o desenvolvimento de uma maior conscientização/noção de mundo, onde constroem aprendizados significativos para suas vidas e onde podem adquirir confiança para enfrentar de modo diferenciado os desafios para a construção de projetos de futuro.

Conforme destaca Melucci (2004), o crescimento pessoal e o desenvolvimento da identidade supõe um processo de individuação e um alargamento da autonomia dos sujeitos. Em suas palavras,

No seu aspecto dinâmico, a identidade apresenta-se como um processo de individuação e de crescimento da autonomia. Vemos hoje nossa identidade como um produto de uma ação consciente e resultado da auto-reflexão, mais do que como um dado ou uma herança. Somos nós que construímos nossa consistência e reconhecemo-nos dentro dos limites impostos pelo ambiente e pelas relações sociais. (MELUCCI, 2004, p. 47).

A afirmação do autor aponta para o desafio com o qual os sujeitos contemporâneos se deparam em construir suas próprias identidades. Tal processo é realizado pelo próprio indivíduo, a partir de oportunidades e limites estabelecidos através de suas relações pessoais e sociais. Este desafio é perceptível através dos relatos dos jovens participantes da pesquisa ao enfatizarem que a sua experiência de participação nos coletivos contribuiu para o crescimento pessoal.

A partir dos vários relatos realizados pelos jovens percebe-se que não é apenas o foco de atuação do grupo que ajuda a construir e a manter o sentido da participação, mas existem outros fatores, tais como os afetos, as convivências, os aprendizados, os desafios, a superação de dificuldades, entre outros, que contribuem para tal processo. Esta constatação pode estar relacionada à necessidade de pertencimento, frisada por Melucci (2001) ou ainda ao medo de estar desconectado, referido por Novaes e Vidal (2005). Por exemplo, em relação ao Cursinho Zumbi dos Palmares, os jovens professores destacam que o sentido da ação no grupo extrapola o objetivo da aprovação dos alunos no vestibular e se estende à formação pessoal, ao desenvolvimento da consciência crítica, à solidariedade com outros membros do grupo, ao fortalecimento das relações, entre outros.

Em muitos dos relatos é perceptível a complementaridade entre as dimensões pessoais (identidade, dificuldades pessoais, realização pessoal, etc.) e as dimensões coletivas (amizade, convivência, dificuldades grupais, sociabilidade, etc.) que são referidas pelos jovens. Tal constatação pode ser relacionada ao conceito de participação social juvenil, que enfatiza experiências de pertencimento dos jovens em espaços coletivos de atuação, pois, caso fossem abordadas apenas participações individuais, possivelmente a construção de tais sentidos não seria possível ou seria diferente.

Referências

- ABRAMO, Helena. **Participação e organizações juvenis**. Recife: Fundação Kellogg, 2004.
- ABRAMOVAY, Miriam; FEFFERMANN, Marisa. Se ficar o bicho come, se correr... **Sociologia Especial: Juventude Brasileira**. São Paulo: Editora Escala. Ano I, n. 2, p. 49-55, 2007.
- CARRANO, Paulo. Juventude e participação no Brasil – interdições e possibilidades. In. DEMOCRACIA VIVA. **Especial Juventude e Política**. Rio de Janeiro: IBASE-Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. N. 30, jan-mar, 2006.
- CASTRO, Elisa G. de. Os sonhos e os desafios da juventude rural. **Sociologia Especial: Juventude Brasileira**. São Paulo: Editora Escala. Ano I, n. 2, p. 56-63, 2007.
- CHARLOT, Bernard (Org.). **Da relação com o saber**: Elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, n. 24, set/dez, 2003. p. 40-52.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In: **História da Educação**. ASPHE, Pelotas, n.8, p.141-174, set. 2000.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus**. 3ª ed. Barcelona: Ariel, 2006.

KAUFMANN, J. C. **L'entretien compréhensif**. Paris: Nathan, 1996.

LAPASSADE, George. **Les microsociologies**. Paris: Desclée de Brouwer, 1996.

MANNHEIM, Karl. **Sociologia da cultura**. Tradução de Roberto Gambini. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Coleção Estudos n. 32).

MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente: Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas**. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu: A mudança de si em uma sociedade global**. Tradução de Adriano Marinho et al. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

NOVAES, Regina; VIDAL, Cristina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In. THOMPSON, Andrés A. (org.). **Associando-se à juventude para construir o futuro**. São Paulo, Peirópolis, 2005.

PERONDI, Maurício. **Jovens da Pastoral da Juventude Estudantil: aprendizados na experiência**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Programa de Pós Graduação em Educação, 2008. Dissertação de Mestrado. 164 p.

SANTOS, Gevanilda; SANTOS, Maria J. P.; BORGES, Rosângela. A juventude negra. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. P. 291-302.